



Cultura!

POESIA VIVA

Nesta edição do *Cultura!*,
os escritores Antônio Carlos Policer,
Isabela Zarda e Lara Luft
dão sua contribuição
ao ofício sagrado
de Mario Quintana
Págs. C3 e C4

‘A consciência da pedra’
Há histórias perdidas no tempo...
...que só a pedra pode contar
Pág. C2

EXCLUSIVO!

Mais uma vez o *Cultura!* inova, sai na frente e se torna o primeiro
suplemento cultural a lançar sua edição de julho em agosto!

Um pouco de

Cada arte...

A CONSCIÊNCIA DA PEDRA

*
O.A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Vamos, turma. Todos juntos. Isso. Por favor, silêncio!

A professora tentava pôr ordem nos alunos do ensino fundamental, enquanto estes entravam no museu. A excursão havia sido programada fazia tempo. Muita inquietação permeava a expectativa e a curiosidade das crianças.

— Prestem atenção. Nesta ala está a exposição do homem pré-histórico. E esta aqui é a primeira peça. Vejamos...

“Marcas na parede. Esqueleto de homem do paleolítico.” Era o que dizia a etiqueta minúscula no canto esquerdo do vidro.

De fato, a peça se constituía de uma ossada perfeitamente conservada. Era um homem sentado, de costas para o público, com uma mão no ventre e a outra numa parede de pedra recortada no exato tamanho das proporções do fóssil. O braço direito estava estendido, e as pontas dos dedos deixavam claros quatro sulcos no arenito fossilizado.

Os paleontólogos atestaram que era um esqueleto masculino e que tinha várias costelas quebradas, além de uma fratura exposta na perna direita, o que se podia ver a olho nu. Devia estar em um buraco, quando foi soterrado por sedimentos que o preservaram sem esmagá-lo. O fóssil foi habilmen-

te retirado do sítio arqueológico juntamente com a parede de arenito em que estavam cravados os dedos de sua mão.

— E então, turma? O que vocês acham que aconteceu com o nosso colega aqui? Será que ele foi vítima de uma armadilha? Ou foi apenas um acidente?

A razão de estar ali eram conjecturas. Suposições das mais diversas e possíveis à criatividade da mente humana.

Não. Interrompo as especulações em tempo. E desde já perdoe-me o leitor, se aqui me intrometo nos assuntos da nobre professora. Não quero prejudicá-la ou de qualquer forma retirar-lhe o crédito da instrução, mas devo fazer algumas correções, para que todos saibam a verdade que só a pedra pode saber. É claro que a professora não tem culpa do equívoco que comete, eis que apenas está compartilhando com os alunos o que aprendeu pelo custoso estudo. E onde faltam fatos a imaginação trata de logo desenhá-los.

Como é que eu sei disso? Ah, sim! Ia-me esquecendo. Não me apresentei: eu sou a consciência da pedra. E é por isso que não conjecturo o que falarei. Narro apenas os fatos que ficaram esculpidos na minha pele e que não olvidarei até o dia em que sejam eles apagados por martelos, cinzéis e marretas.

Voltemos ao homem. Pobre alma pelo pó embalsamada! Aquele que está diante de nós, em formas retorcidas e na evidente agonia da morte, chamou-se um dia, muito tempo há, Tulák em sua língua. E devo ressaltar que ele não foi parar ali sozinho.

Não, não se tratou em absoluto de uma armadilha ou de um acidente. Não. Muito pelo contrário. O solo de contrabaixo que hoje soa desta partitura de pedra fez parte de uma composição maior e muito dramática, na qual ainda se ouviram metais, madeiras e cordas de uma violenta orquestra.

Neste quadro fóssil de milhares de anos viram-se ainda um homem, sua mulher e seus filhos. Ele era Palúk; ela, Agák. E assim começa a história...

Palúk estava à beira de um penhasco, tentando apanhar os ovos de uma águia que acabara de sair para caçar. Ah! Ovos de águia eram uma iguaria naqueles tempos e seriam refeição garantida para aquele dia.

Desse modo, Palúk não se apercebeu da aproximação de Tulák. E este, ao chegar sorrateiro, deu um brusco empurrão em Palúk, que cambaleou, espalhou a poeira desfiladeiro abaixo, mas não caiu. Recompôs-se e, virando, reconheceu Tulák. Num grunhido revoltou-se e, indignado, partiu para cima de Tulák em exigência de satisfações. Tulák perdera

o elemento surpresa e não era corajoso o suficiente para uma luta justa. Desistiu do embate e foi embora.

Mas Tulák não partiu para seu lugar. Irritado com o fracasso, tendo frustrado seu próprio intento, sabia que Palúk levaria algum tempo para conseguir comida. Foi então que Tulák dirigiu-se à caverna onde se alojava a família de Palúk: sua esposa e seus três filhos.

Lá chegando, não encontrou resistência, pois os dois meninos eram valentes, mas não tinham força para enfrentar Tulák à altura. As crianças foram lançadas num fosso à beira do interior da caverna, cujas paredes não podiam escalar.

A esposa de Palúk, Agák, pareceu indefesa frente à força covarde de Tulák. Não se entregou, porém, tirando forças do nada, e Tulák não conseguiu dominá-la. Seus gritos e o choro das crianças assustadas de longe

chamaram a atenção de Palúk, que abandonou os ovos apanhados e correu. Correu como se seus ancestrais lhe dessem a força e a velocidade de muitos homens.

Tulák era grande, mas covarde. Palúk era menor, contudo hábil e valente. Palúk lançou-se sobre Tulák, movendo-o de cima de sua esposa. Tulák, no reflexo, atirou Palúk contra a parede e o atacou com as mãos nuas. Palúk sacou de sua faca de pedra lascada e fez um corte na barriga de Tulák, que recuou, tapando o corte com as mãos. O homem nada teme na defesa de sua família. Ou, como um dia ouvi do som de um vigia noturno, *Nulla in terra più l'uomo paventa, se dei figli difende l'onore!* (“Nada mais no mundo teme o homem que defende a honra dos filhos!”) — algo do *Rigoletto* de Verdi, foi o que o vigia murmurou.

Ora, Tulák se apavorou com o sangue que lhe escorria pelo abdome e num ímpeto irracional investiu novamente contra Palúk. Mas este se esquivou rápido, fazendo Tulák cair por suas próprias pernas no fosso, ao lado das crianças, que pisaram em sua cabeça e, subindo, foram tiradas dali pelo pai. Ao cair, Tulák quebrou uma perna e várias costelas. Ficou preso no escuro por tentar se apoderar injustamente do que não conquistara com amor e seu próprio esforço.

Palúk selou a entrada da gruta com muitas pedras e arbustos. Pareceu nunca ter havido nada ali. Tulák ficou imóvel e cravou as unhas na parede do buraco. Não se arrependeu do que fizera, senão praguejou e, até o último suspiro, rangeu os dentes com sangue no olhar.

Essa foi a verdadeira história das “Marcas na parede”. Dela se lembre quem a quis ouvir. Mas, no final, foi apenas mais um homem. Um homem que sucumbiu ao mal de suas próprias entranhas e não o regurgitou. Mais uma vítima de instintos indomáveis e profanos. Opa... lá vem a professora novamente. Aqui me despeço do bom leitor, na espera de um novo encontro. Adeus!

— Vamos, turma. Ali podemos ver várias pontas de lança feitas de pedra lascada. E mais à frente veremos um exemplar intacto de um mamute encontrado no gelo, venham...

Tulák era grande, mas covarde. Palúk era menor, contudo hábil e valente. Palúk lançou-se sobre Tulák, movendo-o de cima de sua esposa



Palavra



“Primeiro comer, a moral, depois.”

BERTOLT BRECHT

NASCIDO EM AUGSBURG, ALEMANHA, EM 1898, O AUTOR DE “O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ”, “A ÓPERA DOS TRÊS VINTÉNS” E “OS DIAS DA COMUNA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM BERLIM, ALEMANHA, EM 1956.

Bertolt Brecht



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Poesia

A poesia viva das escritoras
Isabela Zarda, com *Entre versos*,
e Lara Luft, com *Púrpura*

ENTRE VERSOS

ISABELA ZARDA

Poesia é o uivo de um lobo
Em noite de muito frio
É lembrança matadeira
É o barulho de uma goteira
Dentro de um balde vazio.
Poesia é a oração de uma mãe
Aos pés da imagem rezando
É o rangido do portão
Quando o filho está chegando.
É o toque de um berrante
Para despertar a boiada
É voltar e ver as ruínas
De uma antiga morada.
Poesia é o clarear da lua
Pela fresta da janela
É o silêncio de um abandono
Poesia é uma noite sem sono
Ele chorando por ela.
Poesia é um canto triste
Da solitária coruja
É um canoeiro descendo
Por um rio de água suja.
É o disfarçar de uma dor
Quando o chicote estrala
Poesia é um amor perdido
Poesia é um grito doído
No fundo de uma senzala.
Poesia é um simples retrato
Pelo tempo amarelado
É batida compassada
De um lavrador com um machado.
Poesia é renascimento
O homem ganha vida
Tristeza é quando ele morre
Poesia é lágrima que escorre
Na hora da despedida.

*

ISABELA ZARDA, CURSANDO O SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TV TEM 2016

PÚRPURA

LARA LUFT

Do branco ao preto
Prefiro você
metade

Do branco ao preto
Prefiro cor
diversidade

Do branco ao preto
Prefiro tons
púrpura, roxo, lilás
variedade

Do branco ao preto
Prefiro formas
circulares nas frutas
aformes nas bebidas
detalhe

*

LARA LUFT, PATRONESSE DA 10.ª FEIRA DO LIVRO DE SANTA ROSA (RS), É ESCRITORA

Poesia

O escritor Antônio Carlos Policer estreia no caderno com o poema *Hermes* e o conto *Caixa de Pandora*

HERMES

ANTÔNIO CARLOS POLICER

E, por fim,
a vida é isto:
isso.
Nada além do que há
e do que pode vir a ser.
Nada! Contenta
com o chão sob teus pés
e com os astros
em órbita.
O líquido não toma senão
a forma da fôrma
em que está contido.
Exatamente!
Derrama a palavra no copo
e embriaga do seu semia:
semente.
Doces ilusões: a redoma
é indestrutível!
Tange o que é tangível
e guarda o que não é:
abstrato, absurdo.
De onde a matéria-prima?
Que régua e compasso?
Um sopra, e a ferida aberta. Avel!

Crônica

CAIXA DE PANDORA

ANTÔNIO CARLOS POLICER

— Mãe, dá o de comer.

— Logo chega, Filho.

Quando à mesa, mastigavam a própria miséria em uma borra disforme e indigna de qualquer apetite.

O Pai e sua cartucheira viviam à procura de algum preá ou tátu que se arribasse por lá. A Mãe teimava na hortinha com a terra que negava o pão. O Filho, agarrado à sua caixinha, era o que mais tinha fome.

— Mãe, dá o de comer.

— Logo, Filho. Vai brincar.

Nas mãos do Filho a caixinha virava caminhão se na horizontal, prédio se na vertical, virava até um peba bem gordo, desses bons de saborear.

Em outros tempos a terra foi mais gentil: preás pegavam-se aos bandos, a horta cedia verduras e legumes frescos, o Pai dispunha de três reses gordas, o Filho festejava os lambaris que pescava no córrego. Porém, a seca assolou tudo.

Naquela imensidão de sol e céu, somente a choupana de barro e a vontade de viver.

— Mãe, dá o de comer.

— Logo, Filho. Vai brincar.

— Por que chora, Mãe?

— Não é choro, não, Filho. É suor.

De vez em quando o Pai trazia um caçado, que a Mãe preparava com satisfação. O Pai era quem menos

comia. Fimda a refeição, lá ia o Filho com sua caixinha, da qual não largava.

Agora a caixa era um navio, que o levava rumo ao horizonte. Depois dele tem gente boa, pensava o Filho, e um lugar bonito para morar. Lá, todos são felizes e as mães não choram. Os pais descansam e os filhos têm caixinhas para brincar.

— Mãe, dá o de comer.

— Demora, Filho, mas chega.

— Não chora, Mãe. Tem fé.

— Fé a Mãe tem, Filho.

— Cadê o Pai, que não vem?

— Pai está labutando no mato.

Sentado na caixinha, que agora era banco, o Filho rogava alívio. Os dias tornavam-se mais compridos. A fome, mais prolongada. Os choros, mais estridentes.

— Mãe, dá o de comer.

— Se Deus quiser, Filho, logo chegará.

E não chegou mais.

O que restou foram apenas corpos, cansados e famintos. Um Pai e ombros fortes. Uma Mãe e um choro. Um Filho e sonhos.

Na caixa de Pandora, féretro dos dons, o Filho esfaimado dormia tranquilo, na esperança de outros brasis.

*

ANTÔNIO CARLOS POLICER
É INTEGRANTE DO QUARTETO
POÉTICO E COAUTOR DOS LIVROS
“ALAR” E “PALAVRA É ARTE”